

FIESP nega apoio a Collor após a rejeição pública do candidato

por Cynthia Malta
de São Paulo

O apoio da classe empresarial ao candidato à Presidência pelo PRN, Fernando Collor de Mello, divulgado no início da semana por alguns representantes das principais entidades econômicas do País, resultou não só no repúdio de tal apoio pelo próprio candidato como deu origem a um comunicado, emitido ontem pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), que traz o seguinte título: "FIESP não apóia Collor".

Nessa nota, o presidente da FIESP, Mário Amato, diz que "uma manifestação nesse sentido (de apoio) seria totalmente descabida, pois contraria as finalidades de uma instituição sindical e agride seus estatutos". Além disso, o comunicado informa que as declarações de intenção de voto foram de caráter pessoal.

Amato preferiu não se pronunciar mais a respeito e ontem, ao final da reunião do Conselho Superior de Orientação Política e Social da FIESP, disse rapi-

damente: "Isso já complicou muito a minha vida. Não levei a mal", e saiu.

O primeiro-tesoureiro da FIESP, Ruy Altenfelder, por sua vez, criticou a posição de Collor em relação ao apoio da classe empresarial e declarou: "Candidato que rejeitar voto de empresário moderno está cometendo um erro político".

O ex-deputado federal pelo PDS, Nelson Marchesan, também presente à reunião do Conselho, afirmou que as declarações de apoio a Collor feitas por alguns empresários na segunda-feira prejudicaram esse candidato. "É claro que prejudicou", disse Marchesan, acrescentando: "Eu gosto muito do Mário, mas não teria feito o que ele fez".

O vice-presidente executivo do Grupo Pão de Açúcar, Abílio Diniz, que assistiu à mesma reunião, observou que os empresários ao divulgarem sua intenção de voto o fazem como pessoa física e não jurídica. Disse, ainda, que a maior parte do empresário apóia Collor em função do seu "programa



Mário Amato

social-democrata". "O programa do Lula é pouco conhecido", argumentou.

Diniz não acreditou que o senador do PSDB, Mário Covas, "suba ao palanque com o Lula. E, se subir, os seus votos não serão transferidos" (para o candidato do PT). O vice-presidente do Grupo Pão de Açúcar havia declarado, antes de 15 de novembro, simpatizar com a candidatura Covas. Mas também observou naquela época que nesta eleição presidencial o empresário deveria votar co-

mo pessoa jurídica, pensando no que seria melhor para o País. Notou, ainda, que votar como pessoa física seria injusto.

EFEITO "ROBIN HOOD"

Criticou também o ponto de vista do presidente do Bamerindus, José Eduardo de Andrade Vieira, de que o ajuste econômico do País deveria ser pago "pelos ricos". Para Diniz, "não existe esse efeito Robin Hood: tirar dos ricos para dar aos pobres. Só atacando problemas estruturais você distribui melhor a renda".

O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA), Edmundo Klotz, preferiu elogiar a palestra feita na reunião do Conselho pelo professor e analista político Cândido Mendes de Almeida, que destacou a importância do papel do Congresso Nacional no próximo governo. "Eu não tenho opinião formada sobre o que aconteceu na FIESP", disse Klotz, mostrando-se surpreso "com tanto estardalhaço por causa de algumas declarações."